



ROCHAMARTÍAS

Vantóches

UNDERWOOD



PERFEITA COMO
UM RELOGIO
DE PRECISÃO

AGENTES
THE MODERN OFFICE LTD.
Casa especial de mobiliário e artigos para escritórios

R. do Alecrim, 107, 109
LISBOA
Telefone : C. 3066

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

Os "Dente de Ouro"

As acusações de um advogado socialista — Os filhos de coito danado — Os «Dentes de Ouro» açambarca ores — Lamentos e ignorancia das meninas dos açambarcantes — O «Dente de Ouro» assassino, filho do «Dente de Ouro» da trallancia — Como devia falar o socialista, se o fôsse

Ha dias, nesse julgamento dos revolucionarios do 19 de outubro, lento como uma escorrença e dissaborido como uma graça judiciaria, certo advogado socialista e administrador da pingue mangedoura, a que se chama a Caixa Geral dos Depositos, lembrou-se de alcunhar de monarchico o assassino *Dente de Ouro*. Bichanava-se que este cabo da armada, que me feriu no coração ao fusilar Machado dos Santos e ao arrastar até ao Matadouro Nacional do Arsenal, o meu pobre Carlos da Maia, é filho de um conego e como tal reaccionario, que teve entendimentos com um sacerdote, e, nesta conformidade, é realista.

O que o *Dente de Ouro* deve ser é um excelente republicano se quizermos exemplificar pelas ancestralidade impuladas, porque do sangue dos padres conubientes tem vindo à praça pública rebentos malditos assassinar à gove nação trair, à politica em geral amesendar-se. O Buiça é um bastardo de certo abade de Vinhaes, cuja fotografia, entre sargentolas delirantes, eu tenho aqui na minha frente. Nascido de coito danado era certo traidor autêntico, e por aí em cada partido do regimen ha pelo menos, um, berrando contra a Igreja que não é sua mãe, embora dela tenha vivido o pai. É necessario juntar à correnteza os clerigos apóstatas ou os seminaristas foragidos e a república, desde que fingiu aderir a Roma, encontra já quem lhe lance todos os responsos na mais autêntica missa negra de defuntos ou a *Te Diablise* em dias de gala terrivel.

O monarchismo do *Dente de Ouro*, por este lado faz falha, toca a falso; enquanto a outra faceta, a de se meter de gorra com integralis-

tas para os espionar, foi o próprio regimen que o impulsionou, dando-lhe o cartão de polícia político e garantindo-lhe a impunidade, desde que denuncia-se, isto em virtude de uma lei do Santo Officio Vermelho, a qual trata os delatores como bemqueridos amigos.

Eu, porém, que ouvi da bôca da família de Machado dos Santos e dos labos molhados do pranto escorrido da face da senhora de Carlos da Maia, trechos das frases do bandido, repilo a audacia do advogado, como a sua peliça riquissima e a sua burguezia qualidade de manejador de grossos dinheiros, afasta, condena, nega o seu socialismo.

É necessario, pois, explicar o que são os *Dentes de Ouro*. Sim, porque não ha só um, o da *camionette* que em titulos de animatografo os jornais crismaram de fantasma, de sangrenta, de tragica.

Ha, meus senhores — diz-mo aqui o Roberto — alguns que andam em automoveis de luxo, que são fantasticos pela rapidez, sangrentos pelos atropelamentos, tragicos porque simbolisam as dôres, as torturas, as desditas daqueles que são explorados, de nós todos, emfim, desta classe média, sobretudo, da qual se escapou para a linança, o retórico defensor dos tribunais de guerra com o seu luxo largo, com a sua *peliça carmagnole* e o seu socialismo mal costurado.

Dentes de Ouro são todos os que, no meio de uma sociedade corrupta, descem ás infâmias e aos crimes para triunfarem na vida. Pódem ter a cária na dentadura como a tem na alma que não se eximem a esta alcunha resonante.

O que fez o marujo assassino? Actuou em virtude da impunidade e, mais ainda, da consagração deferidas aos assassinos dos reis e ao do presidente Sidonio Paes. Fez o crime, porquê? Ou porque alguém lhê indicou o caminho — e êle disse em casa de Machado dos Santos da parte de quem vinha prendê-lo, e êle gritou no lar de Carlos da Maia o seu republicanismo — ou de lumbrado pelas apoteóses aos regicidas, imaginando a vida folgada do célebre do matador do Presidente — do qual são cúmplices todos os que tem governado após a sua fuga e mais alguns e isso será o assunto a tratar — artilhou a sua *camionette* de crime, como um Bonot pulhastra sem a belêsa terrível e a valentia do autêntico — e decidiu-se assassinar. Era a gloria infêta, que desejava? Era o sonho deslumbrante da falacia à sua volta que o impelia? Era o dinheiro ou a ordem do superior, era notoriedade ou a ganância?

Fôsse o que fôsse, a sua psicologia é o produto da política onde se votam corôas civicas a chacinadores e da sociedade onde se apertam as mãos a traficantes.

Este *Dente de Ouro*, que fez estremecer doloridamente a filha do açambarcador Bandoleirante & C.^a, quando lêu as suas proezas, tem iguais, imensos consocios na mercancia, na exploração, na negociata.

A pobre menina, sacudida numa convulsa repugnancia, com duas lágrimas caíndo no chá do seu almoço, d-testou o *Dente de Ouro*, revoltou-se contra *Dente de Ouro* e, soluçando, viu tambem a mamã amaldiçoando o assassino e a *camionette*, e o pai, berrando que não se póde viver em Portugal. A familia inteira, se pudesse, fuzilaria o *Dente de Ouro*, cabo da armada.

E, no entanto, o papá, assemelha-se-lhe como um pântano a outro pântano.

É claro que esse açambarcador pantafaçado, de bôjo de cofre forte e petulancia de prestimano recheado de libras, não vai pelas noites as-

saltar as casas das familias, arrancar-lhes dos braços os maridos, levá-los, numa correria sinistra, pelas ruas, berrar-lhes que se apeiem na treva, e fuzilá-los; tambouco os acarreta, ignobil e vilmente, até à porta da *Morgue* para que ali exponham as suas vítimas. Não; Bandoleirante & C.^a — é Roberto quem o afirma — é muito cobarde para isso e apesar de amar muito a sua filhinha seria incapaz de tripular a *camionette-fantasma* para lhe angariar uma simples bolacha de agua e sal. Coitado, êle até sente o arrôto do almoço pouco feliz só à idéa do sangue, do horror, da tragedia. É quasi como o carrasco, o burguezissimo executor Deibler, quando lê nos jornaes que appareceu uma velha festa em pedaços em Auteuil ou que na Persia meteram seis creanças no forno. Increpa, clama, e, daí a pouco, vai matar por conta da justiça, é certo, mas, enfim matar.

O nosso açambarcador tambem protesta e barafusta e mesmo sem ser por ordem da justiça — embora à sombra larga do seu manto — assassina. A pequenita nem calcula, nem imagina o que êle pratica e quando olha a mão do papá, reluzente de aneis, a mamã empeliçada de zibelinas, as perolas que lhe trazem de pre-ente, o automovel luzente e o *chauffeur* ursinamente coberto, não vê aqueles dedos tintos de sangue, não repara nas tonalidades de varejeira da capa materna, não lhe passa pela cabeça a *camionette* terrivel nem tampouco pensa que aquele casaco peludo do servo ajud o que se chama a publicidade do papá que mata, rouba, envenena, perturba a sociedade, gera o diminilista e a prostituta, cava a ruína do país onde vive, derrúe, arrasta, trucidã.

A ingenua protesta contra o *Dente de Ouro* e não sabe que êle é irmão do pará ou, se acaso este já tem idade para isso, o seu dileto filho. E em todo o caso, pobre pequenita, o assassino não é seu irmão.

É o rebento moral do papá, moral... ou antes imoral.

Produto do meio onde triunfiam os miseraveis e os traficantes, onde se chama negocio ao latrocinio e se condecoram envenenadores, êle quiz ser egualitado.

É que o açambarcante de tudo, desde o pão ao dinheiro, desde o vestuario ao papel, não ligura na *camionette*, não arromba as portas, não ameaça, não trás os cidadãos para o fuzilamento nem os despeja nas entradas dos necroterios mais ligeiramente, e em maior número, os mata, os rasga, os assassina e os lança na *Morgue*, após os desesperos.

E, todavia, chamam-lhe o senhor Bandoleirante, excelencia, o honrado dirigente da firma do seu nome e Companhia, devia dizer-se Companhias, porque são aos milhares os seus socios do mesmo padrão, quando êle criou a miseria geral, a decadência, a irritação com os seus feros, ponteagudos e rijos *dentes de ouro*.

Calcule-se o que será a dentada de tal voraz para amealhar dez, trinta, quarenta, cincoenta mil contos numa vida curta? O que valerá a bocarra e a dentuça de um destes açambarcantes para engulir uma população que trabalha, lucta, rebenta, porque ele alteou o trigo, o arroz, o pão, os generos, tornou um cataclismo a vida e fez de um povo um bando de escravos do seu negocio?! Qual o poder maxilar deste ser de presa para jazerem nos seus cofres quinhentos, seiscentos, mil contos num ano, producto do que se atreve a cognominar de negocios?!

Em que se differença a sua ação da praticada pelo *Dente de Ouro* que o vê impune e triunfal; que distancia ha entre o seu automovel e a carreta sinistra, que remotismo se marca entre o seu gesto e do seu ho-

mónimo? Apenas o de serem menos arriscados os seus passos e menos espéculaculosas as suas execuções.

É certo que repele a solidariedade, berra na praça contra os assassinos, proclama a necessidade de uma justiça impiacavel, e sente-se comovido quando recorda as vítimas. É um *Dente de Ouro* sentimental ante os folhetins, a filha, a *camionette* da tragedia, mas atancha fortemente, resabaladamente, furiosamente a dentadura nos pobres, nos médios e nos ricos não lhe sabendo a sua bôca a sangue. É um *Dente de Ouro* insintivo; o outro, o do crime historico, é o da impulsividade, da subordinação ou de uma primeira ânsia de figurar, de enriquecer, de devorar.

Enquanto ao realismo do assassino, mesmo que o soubessem inscrito num club ou centro reacionario — como soe dizer-se — pertenceria tanto à grei pela alma — a sua é, quando muito a de agente provocador — como o advogado, que tambem paga quotas ao seu gremio polftico, tem de autenticamente revoltado apesar do socialismo não ser senão a batalha em marcha com menos janotas e mais idéas, com menos rêtóricos e mais filosofos, com menos peliças e mais blusas, com menos aneis e mais ferramentas, desde a pena ao malho nas mãos dos productores.

Eis o que o advogado socialista devia explanar, em virtude dos seus principios, se isso não contrariasse os seus fins.

As cionémicas

Mesdemoiselles Vicentinhas e o cinema—O primeiro contacto com o desconhecido—A preverção de certos film.—A cumplicidade das plateas—Do medo ao isóneo ao vício—O casamento das "cionémicas,,

As gentis *mesdemoiselles* Vicentinhas, como lhes chamam os *Carnets Mondains*, são fervorosas frequentadoras de certos cinemas e os seus olhos bistrados, os seus ademanes graciosos, os seus vestidos de exagerada moda—dois palmos de saíinha, a gola de seis metros em ricas peles cosida numa vaga veste—já rebolaram até à celebridade.

Quando pela primeira vez entraram num animatógrafo eram crianças inocentes; vinham do colégio com o sorriso doce, a risada alegre, seguiam com tanto prazer os salos de Max como as tragédias, as scenas picaras como as de patéticas, termo que os janotitas da Baixa imaginam inventados por Pathé.

Tão entretidas estavam, as Vicentinhas, que nem deram, ao começo, pelo contacto suave, como de acaso, dum ombro de homem nos seus ombros, depois nos braços polpudinhos, a seguir dos joelhos buscando-lhes as pernas, costas de mãos roçando-as, para logo pontas de dedos prepassarem em seus seios pequeninos, rijos, de donzelinhas frescas chegadas do pensionato e mo rosinhas vindas de calmos jardins.

Pouco a pouco, o aconchegamento dum pé estranho se marcou, avançou mais, pretendeu entrelaçar-se no seu sapatito de verniz e a mais velha das Vicentinhas, teve um abalosinho púdico, no fundo daquela treva imensa da sala onde se julgava perdida, imaginando-se numa noite muito negra, onde só perigos topasse. Mas era uma linda princesa que surgia à sua vista, toda a tremer, decorada e de manto, sob os beijos dum official da guarda, no decorrer dessa fita escandinava.

Docemente a mão de ha pouco procurava a de *mademoiselle* e percorreu-a um arripio, impossível de reprimir ao sentir, pela primeira vez, a voluptuosidade duns dedos musculinos a cocegarem-lhe a luva, a quererem puxá-la, primeiro, cautelosamente, num receio, sentindo-a recuar. Fugia para logo ceder num semideliqúio inconsciente ao cálido bafo do macho, ao gingamento lúbrico do seu corpo escaldante, mesmo sob o fato, ao toque das roupas contra as dela, emquanto na fita, senhora de

tão alta categoria desfazia as rendas do corpete, os seus peitos rosados, frementes saltavam lúbricos e luxuosos, sob as caricias do belo tenente glabro, de capa à *hussard*, que a venciam, e a dobravam na sua sêde de amor adúltero.

A luva da rapariga já consentia a passagem dum gesto mais ousado a estalar-lhe os botões, a descalçá-la depois, num quási tacito acôrdo, porque toda a carne da donzela despertava ante as imagens provocantes duma mulher a desnudar-se, de olhos semi-cerrados, a bôca muito vermelha, a sorvêr o grande beijo, diante do espectáculo excitante da queda da honra de uma filha do rei. Todas as burguezas has se julgavam desculpadas dos pecados das suas consciências; despertavam se-lhe idéas novas, sensibilidades, acordavam e ânsias de amores assim brotavam em todas elas, empurravam-nas para o goso animal no mistério daquela treva onde passavam loucuras sensuais. Pagava-se para levar inocentes a vê-las, ás vezes até colegiais debaixo de fóрма, como em certos prostíbulos esportulam largas quantias os sádicos babados de curiosidade sexual ante quadros vivos de lascívia e impudor.

Os dedos audaciosos do homem remexiam-na, tacteavam-na sob a capa e ela—a mais velha das Vicentinhas—vergava-se na sensação inédita, lassava-se na morbidez de goso, e, num mixto de curiosidade e de mêdo afrodisiaco, não se desviou mais do desconhecido, cujo halto sentia esbrazeal-a no negrume da casa, queimando-a, devorando-a, excitando-a, endoidando-a, como sem dúvida incendiavam, consumiam, vulcanisavam os beijos do elegante tenente nas carnes da princesa subjugadas na lita de volúpias.

De repente fez-se a luz; tranquilamente, junto de *mademoiselle*, um rapaz olhava calmo e distraído para o pano talão, e, ela, escarlatada, num afogamento, voltava-se apavorada, não tivesse alguém analisado aquela maldade. Toda a gente se conservava serena; ao lado da irmã um homem acendia o seu cigarro, perto de cada mulher outros senhores pareciam ausentados de espírito, sem as verem. O seu visinho do *fauteuil* olhou-a com uma indiferença enorme e agradeceu-lhe em mente, sentiu que fazia bem, não lhe fôsse talar por causa da *miss* sua educadora respeitável, tão loura e tão grave e a cuja esquerda um cadete reluzente lia o programa, sob a seve ilade dos seus óculos.

Sem saber porquê imaginou ter sucedido a quási todas as espectadoras o mesmo que se passara com ela, no segredo da escuridão tentadora dos contactos de dois sexos, no silêncio espicaçado por scenas excitadoras.

Ao desnudar-se, no seu quarto, olhou o corpito tenrinho, procurou, agitada e receosa, sinais das pressões atrevidas desse toque masculino, remirou a mãosinha suave e achou-se linda como sempre, e, então, estendida sobre o leito virgnêo, de olhos cerrados, ent eviu a grande dama atontada e deliciou-se a pensar no atrevimento estonteador do seu parceiro de *fauteuil* nesse grande *cinema* de que falavam os *Carnets Mondains*.

Conservou a recordação, revolveu-a na mente, adormeceu abraçada a ela, reviu-a nos seus sonhos e guardou aquele seu primeiro segredo como a um veneno que se apetece ter á mão, do qual se tomam debeis gotas ao começo e no fim, no desvaio, já não se pode dispensar.

Fôra iniciada por um desconhecido no cuito do réles, do acto vergonhoso, mas sentia tambem que êle em cousa alguma a comprometera e desejou mais sensações, repetir o deleite que não conduzia a nada se-

não a um prazer mútuo, doentio, talvez, mas — bem o percebia agora, nas faces distarçadas das outras, nos pudibundos afastamentos da fêmea, mal a electricidade se acendia, nos olhos graves da *miss* — não duvida já em que a maioria pactuava. Quis saber; dos labios da irmã saíu a confissão dos mesmos delictuosos contactos; ás amigas escutou detalhes praticados na escuridão, vibrando-se num sensualismo de medo e de novidade, de ardencia e de baixeza.

Sentia-o bem; aquilo decidira-se num comum acôrdo em que não se falára; elles não as conheciam mais; elas desviavam as vistas se algum mais provocador lhes sorria. Apenas no logar proprio, no momento perturbador, se esqueciam porque o negrume as envolvia numa capa protectora, em volta se praticava o mesmo e nos *films* perpassavam desperfantes quadros a acordarem carnes moças, cantarisantes para as dos velhos, excitadoras até para as dalgumas matronas que entendem ser vergonhoso só aquilo que a claridade toca.

Deste modo se gerou nas Vicentinhas — e em mil outras *mesdemoiselles* — a viva atração do cinema, dos prazeres extranhos, dos tateamentos de todos os desconhecidos, num ardor vibratilisante, necessario aos seus nervos como o opio e a cocaina aos que se entoxicam tomando-os.

Assim como se multiplicam as morfinomaniacas tambem a sociedade moderna engendrou e tolerou outras viciosas que eu capitulo aqui de CIONEMICAS, do cio das suas carnes de donzelas tu ban o as suas almas desloradas. É preciso afastar do contagio as meninas, as creanças, as ingenuas numa alta e vigorosa profilaxia social.

Mesdemoiselles vicentinhas vão casar; os seus futuros esposos encontram intactos os seus corpos, não haverá nelles a menor mancha, apesar de todos os anónimos os terem tateado, palpado, mexido, à excepção dos noivos, pois não frequentavam animalografos...

Os que lançam bombas e os que a bomba lança

A questão da dinamite — O que dizem as vozes
das bombas — Promessas republicanas de es-
trondo — O chefe do governo e o rim — Um que
a bomba lançou — A última bomba a um seu
apologista

Dois jornais de Lisboa—*Mundo* e a *Batalha*—discutiram ha pouco àcerca dum caso de bombas, um dentro da sua fê burgueza, outra na sua rebeldia social e isso trouxe-nos um singular aspecto dessa alarmante e agitada questão da dinamite como elemento revolucionário de alcance.

Em Portugal—todos o sabem—faz-se questão de tudo: do pão, do tabaco, da religião, do cambio, do exerci'o, da politica e da imprensa e a questão piscatoria e social e a do explosivo. Estamos num país questionador e a prova é que os ralhos se ouvem no estrangeiro nas explosões dos nossos argumentos.

Para mim, cada vez que uma bomba rebenta na cidade, gerando geralmente a morte ou o ferimento de inocentes, até de criancinhas, recebo a impressão da voz irritada dum crédor, nas últimas, a apresentar ao devedor a sua conta. São maus os termos, horriveis os resultados, mas os dinamilistas de hoje estão para os de hontem como o caixeiro gatuno para o patrão que lhe deu o exemplo ludibriando o público. O estrondo do petardo é, pois, o aviso aos pro-homens da república, é como uma salva rude e forte a recordar-lhes o passado a ameaçá-los no futuro.

«Estivemos numa maré de sangue—dizem essas pólvoras dellagradas—numa fúria e num horror permanente, por culpa de quem fez de nós outros, e da metralha que espalhamos, a arma viva da revolução anti-realista. E porque assim é, no nosso clamor, vos queremos lembrar de que ha pagamentos de promessas a cumprir e daqui vos mandamos os vossos filhos, a deixar-vos o cartão, o apontamento, o recado o extracto do nosso *block-bomba*.

Raivosamente os republicanos, os senhores do poder, clamam contra a metralhada, até mesmo lhes desaprax o ruído—nós também nos revoltamos porque não desejamos ver cair inculcados e detestamos os barulhos—porém não tem razão porque não ensinaram outro crêdo, outra doutrina, outro ideal à turba senão que a bomba, quanto maior melhor, se chamava «artilharia civil» e devia ser aplicada na derrocada das velhas instituições. Já se vê que depois, como numa apoteose e num milagre, das oliveiras brotaria o azeite em caudais, das pedras formar-se-iam batatas e uma fraternidade muito grande presidiria aos destinos da nação.

Nenhum deles era homem para faltar à sua palavra. Ah! os cidadãos bem sabiam que se as fontes públicas não se despejavam em bom vinho em cima da bõrra, e até do Porto, no chafariz do Carmo, era porque no Terreiro do Paço estavam uns cavalheiros inimigos das alegrias ebri-festivas, gente soturna reacionária, no quartel da guarda municipal uns façanhudos que tapavam a bica e nas Necessidades um rei que não gostava vêr bebados. Sim, embriagados, emendavam, num delicado bordo e os irmãos do ideal bem tinham ouvido os seus dizeres de sempre, podiam acreditar que a felicidade prometida no ceu pelos padres—essas aves ruíns, essas corujas do pensamento aos bem crentes, eles, caudilhos a dariam na terra aos seus adeptos. Não mais miserias, não mais dôres, o país seria um prado vasto onde todos os portugueses poderiam rebo-lar-se e pastar, os que quizessem ou fossem de qualidade, mas para isso . . .

Neste tropel de promettimentos e de péssimas imagens, reticenciavam sempre . . . Para isso . . . O que não se dizia à luz dos comícios ensi-nava-se na treva das iniciações e começaram as mãos inexperientes a voar com explosivos manufacturados numa ânsia de demolir os da arcada e o trono, e a municipal, para poderem comer batatas cosidas sem irem ao lume.

Sim, senhor, tudo era possível, não se podia duvidar. As bombas eram as grandes bruxas capazes de dar todas as felicidades. O português revolucionário começou a colêcionar receitas de fazer voar a monarquia como o seu avô juntava castanhas piladas, e dentro em pouco tinham mais venda os compendios da quimica até que apareceu o *Manual do Perfeito Bombista*

Os bombistas, como sabem todas as pessoas desta terra tão casti-gada, tiveram a sua consagração e os seus productos alojaram-se no museu da Revolução ao lado do capote e da carabina do Buiça. Os mag-nates batiam nos hombros dos fabricantes, amigalhaços e cúmplices:

—Hein! Cá temos a nossa artilhariasinha civil . . .

—Cá está para o que dêr e viêr!—disiam os outros em voz grossa, pouco de animar.

Quere dizer, era conforme a dadiva e o enchimento.

Ouve uns, os medrosos da acção, conselheiros do explosivo como girandola salvadora, que subiram aos páramos, outros que ficaram á porta como botas velhas lançadas á rua e, entre estes, a grande a longa fileira das victimas desses accidentes de trabalho jaziam num rio de sangue do qual se fa gerar um rio de ouro para certas algibeiras.

Os que se instalaram na existencia são os que se esquecem dos mortos e dos cúmplices e detestam tanto a dinamite como um barão de calcanhar rachado ou um carroceiro feito marquez, aborrecem ouvir falar nos avós; os debaixo, os das promessas, de quando em quando, mandam-lhes os seus bilhetes de visita no delirio-da desilusão e na ânsia de se tornarem lembrados.

Eu faço idéa de quantas recordações encheram o espirito do senhor Antonio Maria da Silva nestes dias de explosões em que estive em casa meditando. E digo «espirito», porque o singlar politico, teve-o desta vez, e muito, metendo-se na cama para não lhe lançarem em rosto o seu aparecimento na imposição do barrete cardinalicio inventando um rim salvador, no momento em que, segundo a frase dos seus correligionarios e admiradores, se viu á brocha. Emfim, com esse autentico rim á la brochette, e com o ruido dos petardos, o presidente da Carbonaria e do Governo devia ter visões de uma era de justiça prometida nas trevas enquanto se fabricavam os petardos. Nesse tempo ele, ao vêr espalifado um médico ousado, uns outros da rua Carrião, ao saber da morte dum denunciante na Bôca do Inferno achava ser sacratissima a sanguisra que corria pela Causa e, ante os membros esfacelados dos cadaveres, pensaria ser uma pieguice lamentar quem, morrendo, annunciava a morte da monarchia. Ao apertarem as mãos dos que fabricavam e lançavam as bombas, o actual chefe do Governo e os cúmplices os que teem sido ministros, directores gerais, embaixadores, sentiram a fantastica ascenção de serem projectados por um desses engenhos potentes aos cumes do mando, enquanto cidos, negros de polvora, pustulas sangrentas, carnes em revolta, como os espiritos estavam, se abatiam para sempre os que os disparavam.

Sobre um tapete de sacrificados passaram os que hoje governam.

Então os lançadores das bombas, lançam o seu aviso novo aos que a bomba lançou.

E' esta a actual questão do explosivo em Portugal. E ele deflagra-se como se quisesse subir até onde estão os seus mestres, senhores e panegiristas. O peor, porem, é que eu, e tantos milhões de portugueses que jámais aplaudiram essa arma traidora, até para quem a emprega, estamos todos os dias sujeitos ao aviso de que as promessas republicanas não se cumpriram.

Mandei um dia cortar quantas noticias de explosões tinham noticiado os jornais durante um mês. Vinte e uma, responde-me um secretario. E' uma salva presidencial, um numero estranho, fatídico, certo.

Pois bem; em vez de diminuírem essas explosões teem aumentado e ainda ha pouco um conhecido frequentador do Chiado, antigo apolo-gista da bomba, hoje apolimentado, todo de acepilhamentos e boas maneiras, clamava contra essa horda malvada e suja que anda para a a estoirar toda a gente e a cravar metralha na propriedade.

Era mais um dos que a bomba salvara da miseria. Ele nunca lhe mexera mas que ia-lhe como a uma deusa, a um amuleto do qual depen-deria, porventura, a sua felicidade, embora ficassem pelo caminho, laivado de restos, de miolos, de tripas, os ousadas que a atiravam como um protesto. Agora, encasulado no sobretudo de boas peles, enluvado, de polaina castanha, o ar de quem não sabe andar senão de automovel, eis da porta da Marques, brada contra esses correligionarios antigos e contra os excitados modernos, num tom honesto o qual só a nós, aos que sempre repelimos tal cousa, compete e pertence.

Por isso lhe marquei, ali mesmo, o seu castigo: sem a bomba, meu velho, tu serias hoje apenas um advogadeco sem clientes. E' muito feia a ingratidão . . . E' como se disseses mal de tua mãe . . . !

— Ah! . . . a bomba . . . sim . . . eu . . . acho . . . que é boa mas ao serviço duma causa nobre e justa, como era a da republica.

Comtemplei-o no seu luxo, e volvi:

— A causa nobre e justa é aquella de que se consegue jantar melhor, ao que vejo . . . Eles agora, amigo, avisam-te, aos berros da metralha, que teem fome e não vêem como tu a mesa posta e a posta na mesa.

Na conca do Frigio

Um ministro de os ladrões - Os sacrificados da República - O "bom republicano" mau cidadão - A deleza do regimen - Porque se fustilaram os autênticos republicanos - Tendencias da quadrilha politica

O actual ministro das finanças é um discipulo de Afonso Costa, ou antes um seu alacaiante servo, pois já uma vez lhe cedeu o logar de ministro e ficou em chefe de gabinete do destrambelhado beirão de Ceia. Acumula o senhor Victorino Guimarães, com estas qu lidades, subser-vientes pois não mostrou ainda outras, o de incitador de roubos.

Não se julgue que belo prazer de deixar ligado à futura galeria dos delictuosos políticos mais êste prócere da administração militar e da desadministração publica, me leva a pelourinhá-lo sem provas. Acuso com esta pena como outros já acusaram de viva voz, mas sem o ferro em braza que aos galerianos se applicava nos braços, o qual eu ressuscito para marcar o condenado ministerial.

Um aspirante da Aliandega, ladrão confesso, falsificador declarado, cujo nome não importa, pois da quadrilha de João Bra dão se perderam os nomes dos filiados, ficando só a quadrilha do chefe, não recebeu o justo castigo da lei detraudando o estado e viciando os seus documentos, gatu-nando-lhe quantias grandes, só porque o ministro aceitou a formula dum outro tapador de falsarios pelo qual se devia ter benevolência para quem *andara combatendo expontaneamente as forças monarchicas do norte, prestando assim relevantes serviços à republica.* A rêtórica foi acolhida e o bom republicano salvou-se com dois anos de disponibilidade que outro ministro levantará amanhã ficando, desde logo, autorizado a rou-bar à vontade desde que seja filiado nalgum centro ou se bata contra os monarchicos como se bateu com a pecunia.

Um regimen onde esta moralidade existe não tem direito aos res-peitos de ninguem. Já não é a república que se combate é a megera, mãe duma canalhocracia, poluida no berço, e contaminada de doenças suspeitas, que devemos afastar com o pè sem ter por sua causa nem sequer a piedade votada ás mundanas que acabam na desdita.

Para que ela fôsse pura, digna, forte, a república ideal dos sonhos de meia duzia de homens, arriscaram a vida o meu pobre Machado dos Santos, o meu querido Carlos da Maia, os soldados da Rotunda, o

Américo de Oliveira, chefe civil, com a sua ardência de criança de barbas, a dar a vida ao seu crêdo; para que ela fôsse iniciadora duma existência nacional nova fizeram-se sacrificios e brutalidades. Matou-se em nome dela, chacinou-se por sua causa, numa hecatombe à antiga, junto dos altares dos deuses amados.

Pois bem, uma década passou e o roubo, a delapidação, os escroquismos, as ganâncias, os assassinios, as plutocracias, as infectas negociatas estão na ordem do dia como um colar, de crimes ao pescoço do simbolo do regimen.

Basta-se ser bom republicano — o que se pode traduzir em mau cidadão, ao que se vê — para se ter a impunidade. Bom republicano não é o de principios é o de fins; não é o soldado da bandeira, é o manejaador da treva, não é o idealista a sacrificar-se, — mesmo excitado como o senhor Sá Pereira, que é honesto, limpo de mãos, — a última pereira sem bicho desta enxertia do regimen na bandalheira —, não, bom republicano, como se apura, são os que assassinam e roubam: o que baleou Sidonio, o Almeida Pinheiro desalcante de Paris, os dos Bairros Sociaes, os dos Transportes, a da Exposição do Rio de Janeiro, os da rufiagem engravatada, os da sociedade do roubo que começa no papel almasso das repartições e acaba nos cofres publicos.

Bom republicano é tambem o ministro que os cobre com a sua misericordia de adesivo pretendendo impôr-se a uma fauna que julga republicana só porque manda de facto na nação, como os franceses cá estive am falando da Patria, do Camões, das nossas conquistas.

O quê?! Pois se estes fossem amigos do crêdo politico que representam, se o amassem, se lhe quizessem deixavam-no assim poluir-se, arrebenatar-se, sujar-se, mergulhar no lôdo ao alcatifar os passos dos ladrões? Não, porque um pai ou um irmão não consentem que lhe conspurquem a honra da filha ou da irmã, nem contribuem para que elas possam sofrer com as suas tolerancias.

O caso de agora ou confirma a demolição da frase bernardinica: — *onde está um republicano está um homem de bem* — ou então chancela a certeza de que os republicanos serios de ha muito morreram ou se afastaram chorando e subiu ao seu logar uma autentica quadrilha, que começou por lhes roubar as ideias e acabou a fusilá-los para assaltar o erario. E' isto! . . . E' isto!

Depois do roubo, a morte e o bando sinistro instalou-se numa cumplicidade que vai desde o da allandega que latrocina até ao monstro que o defende, e apaparica no diploma, o salva em nome do mesmo crêdo, isto é do mesmo delicto oculto, assolapado na conca simbólica do barrete frigio.

Os cúmplices do Esquartejador

O crime do cabo da guarda republicana A Sociedade actual e os criminosos — Como se dá a anistia ao Leandro — O cabo 115 e os seus amigos — Os protectores do assassino de Sidonio Paes — Os esquartejadores da moral e da honra

Num choque selvagem de ganancia ou de cio um cabo da guarda republicana esquartejou uma mulher e subindo o brado forte da repulsa, elle logo se extinguiu porque o horrivel já entrou nos costumes portuguezes.

Faz agora ano e tres meses — um clarim, tambem da guarda, envergado no uniforme da Ordem — trucidou ali no Terreiro do Paço, o meu pobre Antonio Granjo, revolvendo, em furia selvagem, o sabre no peito leal do sincero republicano, deliciando-se sob o esparrinhamento vermelho do liquido quente, entre o marulho de ódios na noite da horrenda bacanal politica.

Agora, o matador, dado o primeiro golpe, caída a vitima, soube com uma pericia de magarefe ou de chanfaneiro, deixar escorrer o sangue, em borbotões, ao começo, depois mais lento, mais gota a gota, para dentro da celha, como se daquela carne de amor — ou antes de brutais caricias animais — a dar-se credito aos dizeres do bandido — apenas restassem despojos de marrã ao trafico destinados.

Sósinho na casa, agarrado áquele cadaver, vendo-o a esmaecer-se, a tornar-se côr de cera, a cabeça pendendo, os cabelos arrastando, os olhos desvairados, a boca contorcida, ele tremia e irritava-se a cada ruido maior, aos gemidos das taboas pôdres da escada, receando vêr chegar a esposa que dava aos dias lá para Chelas, não a querendo no segredo.

Como as expressões da morta o acusassem, as suas pupilas o ferissem, o pertubassem, decepou-a, cortou-lhe cerce o pescoço, quebrou ossos, pôs-se a despegar articulações, a espostejar, a talhar, á navalha de barba, os braços brancos, pernas, nadegas, seios, a retalhar-lhe o sexo e a arrumar, como num açougue, os destroços humanos, a vasar a sanguieira, na pia onde gorgolejava e lingia como uma purpurina servida a despejar-se, depois de tinturar um pano.

Feita a tarefa horripitante, sem lágrimas, sem alarme, o matador

ceou, deitou-se com a companheira, estafado do trabalho. Depois, diariamente, conduzindo, numa banal alfofa de ir ao talho, pedaços da assassinada atirava-os ao Tejo, repetia o acto, agora uma parte, logo outra, pés, mãos, visceras, vestido no uniforme da Ordem.

Este militar é manifestamente, o producto da impunidade e do incitamento ao crime que chancela a vida nacional; é, marcadamente, uma germinação má s perversa talvez, mas filha do mesmo grão, que desentranha florescencias rubras na história criminologica dos nossos dias.

Uma das lórmias porque o levaram a confessar o seu acto foi o da impunidade do Leandro — incendiario vilíssimo de cujo crime safram dezenas de vítimas — e que o sr. dr. Bernardino Machado anistiou como se êle, em vez de ter feito rechinar os moradores da casa da rua da Madalena, «ardesse no sacro fogo do grande ideal». Tambem o autêntico assassino do tenente Soares foi, no Brasil, aconselhado pelo mesmo senhor, então ministro no Rio de Janeiro, a ter juizo e a ir-se em paz. Chama-se a isto a tolerância de um pai de familia para com dois bandidos repelentes.

O cabo, o miseravel, deve ter conhecimento disto e tambem de que um seu predecessor no crime e na corporação, — ainda do tempo da guarda municipal — o famigerado 115, vive tanto à larga, é tão rico, numa provincia ultramarina, que o governador, out o luminar do regimen, o coronel Djalme de Azevedo, em sua casa se hospedou, se instalou.

É todo o estendal da protêção aos criminosos que aumenta a série de repugnantes feitos; é a ausencia da pena de morte que lhes dá garantias, quasi tantas como as conferidas pelos que criminosos protegem.

De quando em quando, rebôa a notícia da prática dum nefando atentado, daí a pouco sabe-se que o seu auctor ou foi anistiado ou fugiu da cadeia. É que, por via de regra, surge sempre um padrinho político, apoderado do bandido, um ministro incapaz de dizer que não, embora nem sempre haja um chefe de estado disposto a pactuar com incendiarios, a salvar Leandros torres adores de innocente.

Dar a liberdade a um malvado é ser seu cúmplice e este trucidador de tão clamorosa celebridade, sabe muito bem quantos da sua laia andam à solta — ladrões, falsarios, assassinos — com a nota de *infelizes*, à margem dos papeis onde se suplicam cabedais para a sua alimentação. Saiba-o e aguarde o cúmplice.

Vivemos num país onde ha bachareis, professores, autoridades incitadoras do crime, alimentadores de bandidos, que lhes dão de comer, os albergam, os agasalham, traçam os seus nomes nos boletins de subscrições para os malvados não passarem necessidades.

* O facinoroso manteve-se largo tempo numa negativa obstinada, não obstante as provas do crime; mas, após repetidas e habeis perguntas do agente Pereira dos Santos, o Moreno, talvez fatigado e mostrand-se um tanto ou quanto apreensivo perguntou, a certa altura ao agente:

— E se tivesse sido eu, de facto, o assassino, qual a pena que me poderia caber por tal crime?

Aproveitou bem a pergunta o agente, pois se lhe afigurou que, no seu egoismo, o Moreno estava pronto a dizer tudo desde que antevisse a possibilidade de ser condenado a uma pena leve. Assim, disse-lhe o agente que o Leandro, o famoso incendiario da Madalena, sendo um grande criminoso, nem por isso deixou de, volvidos alguns annos, ser anistiado; o mesmo poderia muito bem dar-se com êle, Moreno.—(Do *Seculo*).

O esquitejador tem conhecimento disto, dos apelidos dos protectores, ouve como se refastela o Leandro, como o assassino de Sidonio Paes aperta a mão a gente grada, que podia não ter honradez mas ao menos pudor, ignorar a dignidade e os lobrigar a vergonha bnal, falhar-lhe o decôro proprio mas desejar, ao menos, que os filhos não a julgasse cumplice de assassinos.

Ainda agora — atravez da sintemeratas paginas do *Dia* — apreendi que dois doutores, Francisco Ferreira de Macedo e Antonio Rodrigues Salgado, este é irmão dos srs. Daniel e Rodrigo Rodrigues, acompanhados por tres mestres de creanças — os Moraes — (como os apelidos mentem?) de C. b. ceiras, dum solicitador, Leite Maciel, e dum secretario municipal, Oliveira Leite, e, mais uma horda da mesma fauna criminosa dão ao matador de Sidonio certas quantias para seus gastos como se, quisessem agradecer-lhe a pingue conesia ou o governo ultramarino — onde florescem as duas incompetencias rodrigigas — e ao malleitor devidas, ou pretendessem calar-lhe a bôca, não fosse denunciar contactos mais chegados.

Proteger assim assassinos è ser igual ao esquitejador. Um talha com navalhas de barba nas carnes mortas duma mulher, os outros esquitejam a moral, a honra, o brio, trucidam uma rasão social, espostejam a justiça, rasgam, dilaceam, desmembram, despidaçam, tudo quanto ha de mais sagrado, de mais digno, de mais nobre: as leis, além delas, a sensibilidades dos humildes, a educação das creanças e o nome da nação. Protectores de assassinos, são seus eguaes e o cabo matador já compreendeu não haver, em certas almas, a repugnancia antiga pelo sangue derramado, já não indignar o assassino desde que os dirigentes duma sociedade, os ministros, até um chefe de Estado apaparicam Leandros e José Julios da Costa, officiaes recadejam por conta do *Dente d'Oiro* e bachareis, professores funcionarios pagam a bandidos as balas da suas pistolas. Ele — o malleitor de agora — descobriu a impunidade dos outros, respirou numa atmosfera de sangue, viu todos vermelhos, côr de liquido a golfar da sua victima, e então como se fosse uma signa a cobri-lo com a esperança, a enchel-o — ele — imaginou-se igual aos protegidos e já vae dizendo tambem: «a liberdade, a liberdade, a liberdade!» igual aos outros, exactamente como eles. E como não se averigua se a chama com L grande — o que os seus antecessores na chacina apregôam — bastar-lhe ha abrir mais a bôca para ser rico no degredo ou sentir bachareis Rodrigues a dar-lhe bodos.

Para ter, como o Leandro ou como o José Julio, a liberdade — ante a cobardia incitadora dos governantes — basta-lhe afirmar que a sua victima era criada dos jesuitas ou que queria lançar a república na celha onde ele a afocinou em sangue.

SUMÁRIO DO N.º 4

A 27 DE JANEIRO

Buiça, o 28 de Janeiro e o Regicídio — Se o Gualdino tivesse morrido — As 11 varas dos emprestimo — Senhora Dona Bolchevista, etc.

A Imprensa e os "Fantoches"

Continúa a imprensa a referir-se aos Fantoches como um acontecimento de alto alcance literário e social, sendo para notar, entre todas, a transcrição feita d'um dos artigos do panfleto no Diário de Lisboa, a que desvanecidamente agradecemos bem como as palavras de incitamento ao elogio de todos os nossos colegas.

O SECULO — O n.º 2 do interessante panfleto «Fantoches», que Rocha Martins dirige, é posto hoje á venda. Os factos comentados são da maior actualidade tendo, para tanto, o autor alterado o anunciado sumario deste numero, o qual contém quatro capitulos intitulados: *A revolução de amanhã, Cautela, Mikado! Cautela, a Miséria da Moagem ou a Moagem miseravel, Os piratas do Lima e O ultimo janota lisboeta.*

O JORNAL DO COMERCIO — O N.º DOS FANTOCHES — Apareceu ontem o n.º 2 do interessante panfleto semanal do sr. Rocha Martins, antigo e distincto jornalista politico e director illustre do ABC. O sumario deste numero é o seguinte: *A revolução de amanhã — Cautela! Mikado! Cautela! — A miséria da Moagem ou a Moagem miseravel — Os piratas do «Lima» — O ultimo janota lisboeta.* São 16 paginas de critica desassomburada, envoltas numa capa de côr com desenho em harmonia com o titulo do panfleto.

A ÉPOCA — FANTOCHES — Está á venda o n.º 2 d'este panfleto, em que Rocha Martins, nosso estimado colega nas lides da pena e vigoroso temperamento de lutador, se propõe escarpelizar o que decorre nos torvos bastidores da politica e dos negocios. É o seu sumario: *A revolução de amanhã — Cautela! Mikado! Cautela! — A miséria da moagem ou a moagem miseravel — O último janota lisboeta.*

Estas paginas dos «Fantoches» são zargunchadas cruéis, que dôem, mas é preciso dizer que contém verdades como punhos.

OS RIDICULOS — O Rocha Martins, aquele escritor de talento, jornalista muito teso, observador e conhecedor da vida alfacinha, cheio de brilhantismo a escrever, e cheio de energia a desancar esta pouca vergonha toda, tem agora um panfleto semanal, onde dá todas as largas ao seu temperamento nervoso, ao seu feitio escamado, ao seu ideal do justiça, e á sua pena caustica, batendo a tórto e a d'reito, em toda esta politica, de chuchadeira e desvergonha!

Chama-se o folheto sintomaticamente «Fantoches»!

Já estão fóra dois números que são de deitar abaixo!

Consola o fígado, faz bem ao bôfe lêr aquelas *lareias* nisto tudo!

O Rocha Martins é dos que vivem do seu trabalho, na sua pena, que é das melhores que temos, e que tem autoridade moral, cabeça levantada, para castigar a corja!

Chega-lhe, camaradinho, que eles ainda mexem muito!

O DIA — FANTOCHES — Está publicado o segundo numero desta bela revista dos bastidores da politica e dos negocios.

Rocha Martins, espirito brilhante de escritor e polemista, ali nos dá uma vez mais toda a medida do seu talento e do seu desassombro.

Fantoches torna-se uma revista palpitante de actualidade, um comentario agreste e vivo da semana

No dia 20, outro numero.

A IMRENSA NOVA — Um dos jornais que mais desassombadamente tem levado a peito o saneamento nacional, deu-nos as honras da transcrição na integra, do artigo «Confidencias duma côdea de pão», publicado no n.º 1 dos *Fantoches*.

SÓROS E VACINAS

TODAS AS EMBALAGENS SÃO ACOMPANHADAS DE SERINGA E AGULHAS

INSTRUMENTOS CIRÚRGICOS
APARELHOS DE MEDICINA

Estabelecimentos ALVARO CAMPOS

LISBOA-PORTO

Telef. 1017-Central

